

O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYŁA

[THE PERSONALISM OF KAROL WOJTYŁA]

Francisco Agamenilton Damascena

Doutor em Filosofia

Pontificia Università Lateranense

(E-mail: fcoagamenilton@hotmail.com)

Recebido em: 28/02/2017. Aprovado em: 13/04/2017

O Personalismo de Karol Wojtyła
Francisco Agamenilton Damasceno

Resumo: o objetivo deste artigo é apresentar o personalismo de Karol Wojtyła, usando o método analítico e a pesquisa bibliográfica. Wojtyła, mediante uma síntese criativa entre a filosofia do ser e a filosofia da consciência, oferece uma resposta à pergunta “quem é a pessoa humana”. Para isso, ele rompe o esquema clássico da “pessoa à ação” e faz o itinerário intelectual ao contrário: da ação à pessoa. Ele passa por temas como *suppositum*, consciência, ser e ação, liberdade, verdade. O resultado é a superação da rigidez e da exterioridade do esquema escolástico na compreensão do dinamismo humano e uma noção de pessoa humana na qual objetividade e subjetividade são consideradas como dimensões constitutivas do ser pessoa. Esta nova compreensão é importante para resgatar e promover o valor da pessoa humana frente à sua reificação.

Palavras-chaves: Karol Wojtyła; personalismo; pessoa humana; devir humano.

Abstract: this article aims to present the personalism of Karol Wojtyła, using the analytical method and a bibliographical research. Wojtyła, through a creative synthesis between the philosophy of being and the philosophy of consciousness, offers an answer to the question “who is the human person”. For this, he breaks the classic scheme of the “person to action” and he does the intellectual itinerary to the contrary: from action to person. He explains themes like *suppositum*, consciousness, being and action, freedom, truth. The conclusion is the overcoming of the rigidity and exteriority of the scholastic scheme in the understanding of human dynamism and a notion of the human person. Objectivity and subjectivity are considered as constitutive dimensions of the human being. This new understanding is important to rescuing and promoting the value of the human person in opposition to its reification.

Keywords: Karol Wojtyła; Personalism; Human person; Devir human.

1 INTRODUÇÃO

Encontrando as pessoas, lendo um jornal, acessando a internet ou vendo televisão, facilmente constata-se o pluralismo de diferentes ordens na sociedade. Um pluralismo caracterizado pela predominância de uma heterogeneidade cujas partes são cada vez mais adversárias e individualistas geradoras inclusive de políticas excludentes. Basta citar a exclusão social de idosos e pessoas com deficiência, a perseguição religiosa e política, o modo de lidar com o drama humanitário da imigração e refugiados e a maneira como tantos políticos tratam o cidadão. O pluralismo de pessoas cede lugar ao pluralismo de coisas. A pessoa humana é reduzida à condição de objeto.

Esta situação gera a necessidade de uma filosofia personalista para descobrir e redescobrir a pessoa humana. Em vista disso o presente artigo se propõe responder à pergunta: que ou quem é a pessoa humana? A resposta consistirá na apresentação do personalismo de Karol Wojtyła (1920-2005), polonês, literário e professor de ética da Universidade de Lublino, cardeal de Cracóvia e posteriormente papa João Paulo II.

Ele procurou redescobrir a pessoa humana por meio da ação, usando a filosofia de Aristóteles e de Tomás de Aquino, o método fenomenológico (complementado e corrigido com a filosofia de Tomás) e as contribuições da filosofia da consciência. As outras fontes do pensamento de Karol Wojtyła foram: são João da Cruz, o poeta polonês Cyprian Kamil Norwid, Husserl, Max Scheler, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. De modo secundário, tem-se Maurice Blondel, Gabriel Marcel e Kant.

A síntese destes autores operada por Wojtyła não foi feita sem problemas e limites. Porém, mais que uma abstração, ele demonstrou ser a pessoa humana

uma realidade bem concreta. Isto lhe foi possível por causa do ponto de partida da reflexão: a experiência integral do homem, da qual Wojtyła não se afasta em seu filosofar. Com isto explicou que a pessoa humana é um sujeito irreduzível a qualquer objeto do cosmo por causa de sua subjetividade metafísica e pessoal. O personalista polonês em pauta pensa a pessoa humana como liberdade, fundada na verdade, aberta ao transcendente, existindo e agindo com os outros.

A natureza do problema estudado conduziu a ser escolhido como método de trabalho o método analítico e a pesquisa bibliográfica. Para isso serão identificados os conceitos chaves nos escritos filosóficos de Karol Wojtyła, principal objeto de análise, particularmente em *Persona e Atto*, e nas obras de outros autores. Eles foram submetidos às análises favorecedoras da construção de argumentos e conexões cujas conclusões resultaram na resposta ao problema identificado.

2 PONTO DE PARTIDA: A EXPERIÊNCIA DO HOMEM

Quando Karol Wojtyła, já arcebispo de Cracóvia, foi consultado sobre os temas a serem tratados pelo Concílio Vaticano II, ele, em sua resposta à Santa Sé, dedicou o primeiro ponto à pessoa humana. Na sua concepção, o Concílio deveria propor um novo humanismo, o humanismo cristão, para o mundo desiludido de um tipo de humanismo prometedor de prosperidade, por meio do acúmulo de bens materiais, que levou as pessoas à desumanização.

Esta sugestão foi dada por ele aos 40 anos de vida. Isso significa que suas experiências passadas, mais do que simples teorias, levaram-lhe a concluir que se necessita voltar à atenção para a pessoa na sua concretude, ela deve estar no

centro. Toda a ação, seja eclesial ou não, deveria partir da pessoa humana em vista de sua promoção integral.

Para levar adiante este projeto fazia-se necessário “voltar às coisas mesmas” e responder à pergunta sobre identidade do ser humano. Para Wojtyła o ser humano é uma pessoa. Como ele chega a esta conclusão? Que caminho percorreu? Qual foi o ponto de partida? Levando em conta as novas reflexões filosóficas, sobretudo a contribuição da fenomenologia, e desejando dialogar com o mundo do seu tempo, Wojtyła decidiu por um caminho até então não percorrido pela filosofia escolástica. Ele tomou como ponto de partida a “experiência do homem”, especialmente do fato “o homem age” ou realiza ação. Como ele mesmo diz: “Em nosso estudo partimos exatamente deste fato [o homem age], o que acontece com grande frequência na vida de cada homem e sobre o qual concentramos a nossa atenção” (WOJTYŁA, 2005, p. 839, tradução nossa). “Não será um estudo da ação que pressupõe a pessoa, enquanto adotamos ~~um~~ outro direcionamento de experiência e de compreensão. Ao contrário, será *estudo da ação que revela à pessoa*; estudo da pessoa através da ação” (WOJTYŁA, 2005, p. 841, grifo do autor, tradução nossa).

Desta maneira, ao escolher o percurso “da ação à pessoa” e não “da pessoa à ação”, Wojtyła deixa claro que sua intenção é partir da experiência e não de um conceito já formulado. Ele não pretendia explicar um conceito (pessoa humana) que justificava o concreto (ação), uma ideia criada que justificaria uma *práxis*. Ele quis pôr-se à escuta da realidade, que fala, e deixar-se ser conduzido pela experiência, pelo fenômeno “*o homem age*”, e, iluminado pelo intelecto, entender a realidade que aquele encerra. Ancorado no princípio metafísico *agere sequitur esse* ele quis ser conduzido pelo *agere* para chegar a sua fonte, ou seja, ao ser do sujeito que opera (cf. WOJTYŁA, 2005, p. 1337).

Por “experiência” Wojtyła entende como um evento constituído pela manifestação de algo, de modo imediato, à pessoa humana despertando sua faculdade cognitiva. Em cada experiência há um misto de sensação e uma primitiva intelecção que pode conduzir o sujeito a um conhecimento mais profundo, se ele se decidir por esta busca¹.

Deste modo, Wojtyła fala da “experiência do homem”. Ela tem três objetos:

- a) Nós mesmos;
- b) O outro;
- c) Descobertas científicas a respeito do ser humano.

3 A CONSCIÊNCIA

Observando a ação (o homem age – ações que implicam envolvimento da pessoa como sujeito e não como paciente), Wojtyła encontra o elemento humano “consciência”.

“Consciência” é um ato da faculdade intelectual humana por meio do qual tudo aquilo com que a pessoa entra em contato objetivo mediante uma sua atividade (inclusive a cognoscitiva) é refletido e interiorizado dando um lugar no seu “eu”; em outras palavras, a consciência é um ato que acompanha o conhecimento sensitivo e intelectual produzindo um saber concomitante, é um saber do que já se é sabido, uma compreensão do que já foi compreendido. Com

¹ Para Burgos, esta concepção unitária da experiência (elemento sensível e intelectual no mesmo ato) significa um afastamento de Wojtyła “del esquema clásico que considera que el conocimiento comienza con los contenidos que proporcionan los sentidos sobre los cuales *después* actúa la inteligencia” (BURGOS, 2014, 91).

esse ato a pessoa coloca diante de si mesmo suas ações, o mundo que o circunda, faz experiência de si como sujeito e dialoga com seu próprio “eu”.

Desta consideração, apontamos as duas funções da consciência:

- a) Refletir-iluminar
- b) Interiorizar formando a vivência (*Erlebnis*)²: faz com que o material refletido seja experimentado, vivenciado, como um “meu” que está em um “mim”.

Importante para entender o dinamismo da pessoa humana é a autoconsciência como resultado do autoconhecimento: consciência que a pessoa humana tem do seu próprio “eu” e tudo o que lhe implica. É consciência de um dado objetivo fruto do processo do conhecimento “capaz de verdade”.

4 O *SUPPOSITUM HUMANUM*

A apresentação sobre a consciência tal como apenas fizemos não está presente nas discussões de Aristóteles e Tomás de Aquino. É muito mais um argumento trabalhado pela escola fenomenológica. Karol Wojtyła encontrou nestes dois espaços filosóficos suas bases e os colocou face à face extraindo novas conclusões. Por isso, perguntamo-nos: que espaço Wojtyła encontrou na filosofia tomista para inserir a temática da consciência? Ele procurou uni-las ou contrapô-las? Como tomista, ele poderia não somente fazer esta análise sobre a consciência,

² Para Husserl, vivências “sono vissuti o contenuti di coscienza le percezioni, le rappresentazioni fantastiche e immaginative, gli atti del pensiero concettuale, le supposizioni e il dubbio, le gioie e i dolori, le speranze e i timori, i desideri e gli atti del volere, ecc., così come hanno luogo nella nostra coscienza. E insieme a questi vissuti nella totalità e pienezza concreta, sono *vissute* anche le parti che li compongono e i loro momenti astratti, essi sono contenuti reali della coscienza” (HUSSERL, 1968. p. 139-140, o grifo do autor).

mas também incorporá-la ao seu patrimônio filosófico, mantendo-se tomista? Foi justamente o que ele realizou ao confrontar o tema da consciência com o *suppositum*, clássico tema metafísico, importantíssimo para a compreensão do ser pessoa humana.

Por *suppositum* Wojtyła tem a mesma compreensão da ontologia tradicional, isto é, sujeito do ato de ser (*actus*) ou sujeito do ser, fonte de toda e qualquer perfeição. Uma delas é a ação, como bem expressa o princípio *agere sequitur esse*. Resulta, pois, que *suppositum* é o sujeito da existência e da ação. Trazendo este conceito metafísico para a antropologia, dizemos que o ser e as ações humanas subsistem em um sujeito ou *suppositum* (cf. WOJTYŁA, 2005, p. 888 e 926).

Tomando por base esta noção e aquela de consciência, Wojtyła introduziu em sua antropologia o que chamou de *subjetividade ôntica* ou *subjetividade metafísica* (*suppositum*) e *subjetividade pessoal* (consciência). Ambas foram reunidas na noção “eu” como termo mais apropriado para a pessoa humana, que simplesmente *suppositum*, assim como era considerado na antropologia tomista. Isso representou um ousado avanço.

A relação entre a subjetividade ôntica e a subjetividade pessoal se dá do seguinte modo: a pessoal depende da ôntica, assim como o ato segundo depende do ato primeiro. A pessoa se constitui como consciência ou personalidade, por meio de suas ações, em base ao seu *suppositum*. Não se pode agir sem que antes o sujeito seja, ontologicamente falando.

Por outro lado, compreender a pessoa humana somente por meio da perspectiva do *suppositum* seria desconsiderar o realismo da experiência do homem que vive interiormente a si mesmo nos variados dinamismos. Seria reificá-lo, tratá-lo como “alguma coisa”, reduzi-lo ao cosmo, desumanizá-lo. A subjetividade ôntica desprovida da subjetividade pessoal não resultaria em um *suppositum*

humanum. A subjetividade pessoal é obra da consciência, nas suas diferentes funções. Logo, “o *suppositum* humano se torna ‘eu’ humano e se manifesta como tal a si mesmo graças à consciência” (WOJTYŁA, 2005, p. 1342). A subjetividade ôntica se transforma, assim, em subjetividade pessoal. Isso se dá gradualmente à medida que a pessoa se desenvolve fisicamente e psiquicamente, realiza ações e continua vivendo si mesma como sujeito. Imediatamente salta à nossa atenção a questão das pessoas afetadas por sérios problemas psicossomáticos.

Ainda pensando a relação entre o *suppositum* e a consciência, notamos que assim como a ação pressupõe o ser, a subjetividade pessoal pressupõe a subjetividade metafísica. Primeiramente se é sujeito (*suppositum*). Somente depois se é possível experimentar a si mesmo como sujeito. A primeira subjetividade é dada mediante o ato criador no qual concorrem os pais e Deus. A segunda é construída mediante a consciência. Isso não significa que o ser e o agir da pessoa humana sejam absorvidos pela consciência. A pessoa não vira consciência, mas se torna “alguém” mediante a consciência que revela à pessoa mesma sua interioridade, individualidade e irrepetibilidade (cf. WOJTYŁA, 2005, p. 891).

5 DINAMISMO DA PESSOA HUMANA

Karol Wojtyła se propôs estudar a ação que revela a pessoa. Por meio da análise do dinamismo humano ele evidenciou quem é o sujeito do ato. É importante destacar que o dinamismo por ele considerado é aquele segundo a concepção aristotélica, posteriormente assumida pela filosofia medieval. Trata-se, portanto, de uma concepção metafísica que encontra nos princípios ato e potência os elementos explicativos do dinamismo cosmológico. Em Wojtyła eles recebem

uma marcante conotação existencial quando ele pensa a pessoa humana como sujeito irreduzível ao cosmo.

As estruturas básicas do dinamismo humano são:

- a) Algo acontece no homem: é a dimensão do involuntário;
- b) O homem age: é a dimensão do voluntário elemento das vivências.

É importante ressaltar que:

- a) Ambos os dinamismos encontram no único *suppositum humanum* sua origem e síntese;
- b) A presença da consciência faz a pessoa viver estes dinamismos de modos diferentes: vive-se algo que ocorre no “eu” (passividade); vive-se algo como “eu-sujeito-agente” (operatividade, responsabilidade e valor moral da ação).

É com base neste tipo de dinamismo que Wojtyła quis chegar à pessoa. Na tradição escolástica, ele recebeu o nome de *actus humanus*. No título da obra prima do nosso autor, *Persona e Atto*, a palavra *atto* significa este dinamismo no qual a pessoa é sujeito e agente. Uma questão que poderia ser levantada é o motivo pelo qual Wojtyła escolheu este caminho para se chegar à pessoa (a ação revela a pessoa). Não poderia ter considerado o ato intelectual uma vez que Aristóteles definiu o homem como animal racional, portanto, a racionalidade como elemento específico do ser humano?

Primeiramente, Wojtyła apresenta algumas restrições a esta definição aristotélica; em segundo lugar, no ato intelectual estão as coisas que se revelam à pessoa e não o contrário. Nele, ocorre uma apropriação do ser por parte do intelecto e ele se torna depositário da verdade do ente. Há mais passividade que atividade. No caso da ação (“o homem age”), há algo de mais profundo. Ocorre um vir a ser, uma passagem do “menos-ser” ao “mais-ser”. Ao agir livremente a pessoa humana se realiza, atualiza-se. É verdade que também quando se conhece

há um movimento da ignorância para o saber. Contudo, quando se age, é a pessoa inteira que se põe em movimento, em dependência inclusive de sua inteligência. É agindo que se cresce intelectualmente e moralmente. Agindo, não apenas se pode saber quem se é, mas também se pode comunicar aos outros a própria identidade mais profunda. Portanto, mais que o ato intelectual, é a ação que revela a pessoa.

Para Josef Seifert, com esta escolha de percurso da ação à pessoa, Wojtyła se põe contra o intelectualismo ocidental representado por Aristóteles e Descartes. Assim ele se expressa: “a tese de Wojtyła permanece ‘revolucionária’, na medida em que ele sustenta que a ação nos dá a *melhor* percepção da pessoa, mais do que os atos cognitivos ou intelectivos. Esta tese é dirigida, explicitamente, contra Descartes e, implicitamente contra Aristóteles” (SEIFERT, 1981, p. 141 e 196 [nota 9], grifo do autor, tradução nossa). Desta maneira, Wojtyła se afasta, em parte, do modo tomista de entender o conhecimento humano e assume elementos diferentes fazendo uma nova síntese³.

5.1 A INCLINAÇÃO A SER “ALGUÉM”

O *suppositum* humano, constituído por uma existência determinada por uma essência, faz-se no sentido que dá uma configuração ao seu ser, e não na acepção de que cria o seu ser. Isso é possível porque a pessoa humana se autopossui e se autodomina. Usando a sua forma específica de agir, ela pode direcionar os seus atos para diversos fins, é livre. Essa característica genuinamente humana nos é dada pela nossa essência que nos garante a possibilidade de nos aperfeiçoar e de dar uma direção à própria existência, cada pessoa à sua maneira. Enfim, temos um

³ Esta nova perspectiva gnosiológica, somada a outros elementos, foi formulada por Juan Manuel Burgos em sua obra *La experiencia integral. Un método para el personalismo* (2015).

projeto para realizar e não para criar, um projeto que já é presente em nós como potência, o projeto de tornar-se “alguém” único e irrepetível e superar todo o mundo material que é simplesmente composto de coisas. Como afirma Wojtyła, “o homem, uma vez iniciado substancialmente a existir, por meio de tudo aquilo que ele faz e também mediante tudo aquilo que nele ocorre – por meio de ambas as formas do dinamismo a ele próprio – *se torna sempre mais ‘alguma coisa’ e contemporaneamente ‘alguém’*” (WOJTYŁA, 2005, p. 957, grifo do autor, tradução nossa).

Esse fazer-se acontece porque a pessoa dispõe da faculdade da vontade que lhe possibilita querer este ou aquele objeto. E “querendo” a pessoa se especifica como “alguém” porque primeiramente decide de si. Por isso, invés de dizer “determinação”, dizemos “autodeterminação” visto que em cada ação na qual a pessoa orienta sua vontade em direção a um objeto, ela determina a si mesma⁴, pela razão que antes de querer isso ou aquilo quer a si mesma, fazendo-se o objeto primeiro e o mais próximo da sua vontade. Ela é simultaneamente sujeito e objeto. A autodeterminação ocorre, então, porque a pessoa se autoquer, e se autoquer pelo motivo que isso está implicado na sua própria estrutura de autopossessão e autodomínio.

O fato de retornar a si mesma em cada ação como fim primeiro revela uma autoteleologia que não deve ser confundida com uma espécie de solipsismo. É exatamente Karol Wojtyła quem nos explica: “A autoteleologia do homem não significa em primeiro lugar um fechar-se do homem em si mesmo, mas um contato vivo, próprio da estrutura da autodeterminação, com a inteira realidade e uma troca dinâmica com o mundo dos valores, em si mesmo diferenciado e

⁴ “The term ‘self-determination’ means that man as subject of his action not only determines this action as its agent (or ‘efficient cause’), but *through this very act at the same time determines his own self*” (WOJTYŁA, 1981, 127, grifo nosso).

hierarquizado” (WOJTYŁA, 1979, p. 206, tradução nossa). A pessoa humana permanece, assim, sempre em contato com a realidade.

5.2 A INCLINAÇÃO A SER “ALGUÉM BOM”

Cada vez que a pessoa age, ela se autodetermina e se consolida como *alguém*. No entanto, apenas dizer que “se torna alguém” ainda é muito vago. Na verdade, as ações têm um efeito transitivo, ou seja, produzem algo externo ao sujeito, e um efeito intransitivo, quer dizer, produzem uma mudança no interior do agente (cf. WOJTYŁA, 2005, p. 1449). Dessa intransitividade da ação a pessoa, como *alguém*, torna-se um *alguém determinado* com diferentes características, entre elas a de boa ou má, visto que o valor moral constitui um dos elementos das ações que deixa sua marca no sujeito operante. “O homem se realiza como pessoa, como alguém, e como alguém pode se tornar bom ou mal” (WOJTYŁA, 2005, 1025, tradução nossa). Os valores morais, quando são encarnados nas ações pela pessoa, de uma realidade abstrata se tornam algo existencial porque a pessoa não somente faz o bem ou o mal, mas torna-se boa ou má, tornando-se dessa maneira também um valor. Fato atestado pela autoconsciência que, em base ao autoconhecimento, faz-nos viver como bons ou maus (cf. WOJTYŁA, 2005, p. 895).

Coloquemos a seguinte questão: por que a autoconsciência moral (*sumienie*) me obriga a fazer o bem *x* ou evitar o mal *y*? O “fazer” implica o vir a ser alguém, e o fazer o que a consciência moral ordena implica uma inclinação natural para o bem e uma rejeição para o mal. Mas, poderíamos ainda nos perguntar: por que ser bom invés de ser mau? Por que somos inclinados ao bem? Porque apenas atuando ou encarnando o bem na ação é que a pessoa poderá levar adiante o seu projeto

pessoal de realização, somente assim é que ela poderá ser plenamente pessoa humana.

Realizando uma ação, nela eu realizo a mim mesmo, se esta ação é “boa”, ou seja, está de acordo com a consciência (acrescentemos: com a consciência boa ou também honesta). Mediante esta ação eu mesmo “me torno” bom e “sou” bom como pessoa. O valor moral penetra em toda a profundidade da estrutura ôntica do *suppositum humanum*. O contrário disso é o ato em desacordo com a consciência. (WOJTYŁA, 2005, 1532, tradução nossa).

Em síntese, somente por meio do bem é que a pessoa se realiza, axiologicamente falando.

6 A LIBERDADE HUMANA

Karol Wojtyła identificou a liberdade com a autodeterminação. Ela é uma propriedade real da pessoa inerente à sua vontade.

A liberdade se identifica com a autodeterminação, com aquela autodeterminação na qual descobrimos a vontade como propriedade da pessoa. A liberdade, por isso, aparece como propriedade da pessoa inerente à vontade, ao concreto “eu quero”, no qual está contida – como já observamos – a experiência vivida “posso, mas não sou obrigado”. [...] A liberdade própria do homem, liberdade da pessoa por meio da vontade, se identifica com a autodeterminação como realidade experimental, a mais completa e a mais essencial. (WOJTYŁA, 2005, 977-978, tradução nossa).

Esta concepção de liberdade aparece em *Persona e Atto*, publicado em 1969. Porém, ela já era presente em *Amore e Responsabilità* em 1960, como diz o texto: “a faculdade de conhecer a verdade torna possível ao homem a autodeterminação, ou seja, consente-lhe de decidir de modo independente do caráter e da orientação dos próprios atos. Precisamente nisto consiste a liberdade” (WOJTYŁA, 2005, 574).

A autodeterminação sinalizada indica a capacidade da pessoa humana de decidir sobre si mesma. Ela tem esse poder porque se auto possui e se autodomina. Estas duas realidades juntas formam a estrutura pessoal da autodeterminação. Por sua vez, ela está intrinsecamente ligada à consciência na sua dupla função (refletir-iluminar e interiorizar) responsável por dispor a pessoa humana a si mesma. Com isso, ela pode possuir a si mesma (auto possessão). Isso condiciona a segunda relação: o autodomínio cuja particularidade está no ser sujeito e objeto da dominação⁵. Em outras palavras, eu me domino porque primeiramente eu me possuo.

Quando Karol Wojtyła identifica liberdade com autodeterminação ele está dando um passo além de Tomás de Aquino e de toda a Escolástica, contudo, sem negá-los. Para eles a ideia de liberdade era demasiadamente ligada à noção de ausência de constrição, possibilidade de eleger ou não tal objeto. A relação era vista sempre da pessoa em relação ao mundo. Para Tomás de Aquino, por exemplo, a liberdade consistia muito mais em “pertencer a si mesmo” ou “ser causa de si” no movimento em direção aos objetos como um bem (cf. TOMMASO D’AQUINO, *Somma Teologica*, I, q. 21, a. 1 ad 3; *Ibid.*, I, q. 38, a. 1 ad 1; *Ibid.*, I-II, q. 13, a. 6; WOJTYŁA, 2005, 973). Para Wojtyła, a ausência de constrição no escolher ou não um objeto significa algo a mais. É fundamentalmente decidir sobre si mesmo.

⁵ Auto possessão indica “domínio de si” e não “dono de si” (cf. WOJTYŁA, 2005, 967).

A experiência do aceitar ou não um emprego, assumir ou não um compromisso para sempre, querer ou não querer, fazer ou não fazer isso ou aquilo, traz no fundo a questão sobre o que eu faço de mim mesmo, o meu futuro, uma vez que sou autopossessão e autodomínio. “Cada ‘quero’ verdadeiramente humano é justamente autodeterminação [...] pressupõe estruturalmente a *autopossessão*. De fato, pode-se decidir somente daquilo que realmente se possui. Porém, pode decidir somente quem possui. O homem decide de si com a vontade porque possui a si mesmo” (WOJTYŁA, 2005, 977, grifo do autor, tradução nossa).

Enfim, para a Escolástica a liberdade era uma faculdade da vontade (indicada com a frase “eu mesmo decido”). Para Wojtyła, a liberdade é uma propriedade da pessoa (indicada pela frase “eu decido sobre mim mesmo”) intrinsecamente ligada à dimensão do projetar-se, construir-se, fazer-se como pessoa (“ser alguém” e determinar-se como alguém).

Com esta visão, observamos que Wojtyła se alinha a Kant, promotor da pessoa humana como fim em si mesma em contraposição à ética eudaimônica e utilitarista. Para ambos pensadores a ação moral tem como fim a pessoa pela pessoa.

O agir humano, isto é, a ação, tem vários fins e vários objetos e valores aos quais se dirige. Todavia, referindo-se a estes vários fins objetos e valores, o homem não pode, na sua ação consciente, não se referir a si mesmo como fim, não pode de fato relacionar-se aos vários objetos do agir e escolher os vários valores sem decidir, com isso, sobre si mesmo (por isso se torna o primeiro objeto para o si-sujeito) e do próprio valor. (WOJTYŁA, 2005, 1345-1346, tradução nossa).

Da parte de Kant: *“aja de modo a considerar a humanidade, seja na tua pessoa, seja na pessoa do outro, sempre e também ao mesmo tempo como objeto, e nunca como simples meio”* (KANT, 1994, 143 e 145, grifo do autor, tradução nossa).

Desta maneira de pensar, pode-se dizer que, segundo Karol Wojtyła, a felicidade é consequência e não objetivo final da ação.

6.1 LIBERDADE E VERDADE

Wojtyła considera a verdade como condição e garantia de liberdade. Sem ela, a pessoa humana se veria determinada não por si mesma, mas pelas coisas (cf. WOJTYŁA, 2005, 574). Vimos que a liberdade é antes de tudo “decidir de si mesmo” em vista de um projeto mais amplo de vida, a realização de si. A plenitude existencial humana é resultado unicamente da escolha do bem porque apenas ele é ser, diversamente do mal que é não-ser. Esta plenitude se encontra em potência no sujeito humano. Para deixar este estado e se tornar ato, vir-a-ser, faz-se necessário outro ente em ato. Este é o bem. Portanto, a pessoa humana tomando posse do bem, mediante o movimento da vontade, na ação, torna-se mais ser, realiza o projeto que é, “realiza-se como ‘alguém’ e como ‘alguém’ se revela” (WOJTYŁA, 2005, 1030, tradução nossa). O caminho contrário resultará sempre em uma atualização, mas não correspondente ao projeto gerando divisão, conflito, antagonismo no interior humano.

Para tomar posse do bem é necessário conhecê-lo, apreender sua verdade. Isso é obra humana e depende em última instância exclusivamente da própria pessoa. Não se pode pensar pelo outro. Por isso dizemos que o ato de intelecção é um ato solitário. Nessa esteira, se a pessoa se submeter à verdade do bem, por ela mesma apreendida, e permitir que esta verdade conduza suas ações, a pessoa se

torna sempre mais livre, isto é, se realiza em maior grau. Assim, conforme Wojtyła, “vê-se claramente que a realização de si não coincide com a realização do ato, mas depende do valo moral do mesmo. Eu me faço, eu me realizo, não pelo fato que realizo uma ação, mas pelo fato que eu me torno bom quando este ato é moralmente bom” (WOJTYŁA, 2005, 1353, tradução nossa).

Resulta, então, que o ser livre implica depender de mim mesmo e mais radicalmente da verdade e da verdade de si mesmo. Somente escolhendo a verdade é que somos realmente livres.

7 COMUNIDADE

A comunidade é identificada por Wojtyła como agrupamento de pessoas no qual se dá a relação “eu-tu”, isto é, uma relação vivida conscientemente, subjetivamente e de caráter pessoal (cf. WOJTYŁA, 2005, 1358-1359). “Uma pessoa entra na órbita da vida individual de outra pessoa e se torna verdadeiro participante dela, entregando-se ao consenso e à confiança pessoais”, explica Wolicka (1982, 52, tradução nossa). Não é um compartilhar de bens materiais, mas de pessoa para pessoa.

No esquema “eu-tu”, seguindo a exposição de Wojtyła (cf. 2005, 1361-1369), ambas as partes são um *suppositum* pessoal. Ao expressar o “tu” se evidencia a separação e a diferença em relação ao “eu”. Por outro lado, exprime a unidade porque o “tu” também é um “eu” como eu. A unidade e a diversidade são mantidas. Este esquema é potencial em virtude do “eu” poder se unir a qualquer “tu” em base a participação na mesma natureza humana. Logo,

qualquer pessoa pode formar comunidade com outra. Todavia, atualmente a relação com um “tu” acontece sempre com um “tu” concreto, aqui e agora.

Uma característica importante da comunidade é a reciprocidade. Em um primeiro nível, na relação entre as pessoas o “eu” de cada uma é constituído especificamente como um “eu” humano por meio da afirmação do “tu” para com o “eu”. Quando alguém me diz “tu”, sinto-me afirmado e reconhecido como um “eu”. Passando para um nível mais profundo e pleno, a reciprocidade se dá quando o “tu” se doa como “eu” ao outro “eu”, ou seja, faz de si mesmo um “objeto” para a outra pessoa e vice-versa. Há uma “fusão” de subjetividades. Podemos verificar isto na família e na amizade (cf. WOLICKA, 1982, 52-53; ARISTOTELE, 1996, Livros VIII e IX).

A “fusão” das subjetividades gera a comunidade autenticamente pessoal, subsistente nos próprios membros. Portanto, existirá enquanto os membros não somente existirem, mas também existirem como um “eu” e um “tu” em uma constante recíproca afirmação do valor pessoal. Neste caso, pode-se propriamente dizer que se trata de uma *communio personarum*⁶.

A doação, entrega, abandono de si mesmo a outro recebe o nome de amor. Trata-se de uma ação que põe em movimento a liberdade. Este movimento, por sua vez, indica algo muito importante para a compreensão da liberdade: “a liberdade é um meio, o amor é um fim” (WOJTYŁA, 2005, 596). O amor é a doação de si a outro. Para me doar, necessito dispor de mim mesmo, isto é, ser livre. Mediante a liberdade posso doar-me. Resulta que a liberdade é em

⁶ Explicando o termo *communio*, Wojtyła diz: “*communio* significa più di comunità (*communitas*). La parola latina *communio* indica infatti una relazione tra le persone che è propria soltanto di esse; e indica, inoltre, il bene che queste persone si scambiano tra loro nel dare e nel ricevere in un reciproco rapporto” (WOJTYŁA, 2007, 60).

“função de”, é “para”, é um meio. O amor é o fim. Desta forma, a liberdade é para o amor e no amor ela encontra o seu sentido pleno.

8 CONCLUSÃO

Karol Wojtyła, crescido em ambiente plural religioso, de grande abertura intelectual para a verdade, não importando quem a tenha dito, sensível aos problemas do seu tempo, soube reunir o clássico com o moderno e propor uma compreensão de pessoa humana mais global. As pessoas de um período histórico tentam responder aos problemas do presente e aqueles deixados por seus antepassados, de modo a progredir no conhecimento de um objeto de estudo. Wojtyła, ao invés de se fechar em seus esquemas, soube recolher a sabedoria de vários filósofos e propor uma síntese sobre a noção de pessoa humana bastante completa, mas não exaustiva. Como ele mesmo disse, a pessoa humana é um mistério a ser constantemente redescoberto (cf. WOJTYŁA, 2005, 855). E mais importante ainda, “não se pode pensar somente com um fragmento de verdade, necessita-se pensar com toda a verdade” (WOJTYŁA, 2011, 713, tradução nossa).

Primeiramente, seguindo em parte Alfred Wierzbicki (2005, 1227), dizemos que o personalismo de Karol Wojtyła:

- a) Considera a pessoa do ponto de vista ontológico e fenomenológico como um sujeito, ôntico e pessoal, racional inclinado a ser alguém moralmente bom mediante o exercício da liberdade, orientada pela verdade, coexistindo e agindo “junto com os outros”;

- b) É um personalismo que mostra a pessoa como um bem desejado por si mesmo e não por motivos utilitaristas⁷;
- c) Rompe com o naturalismo na ética porque ele nos aponta para a integração dos dinamismos “o homem age” (ativo) e “algo acontece no homem” (passivo) cujas fontes são o espírito, o psíquico e o corpo, respectivamente⁸;
- d) É objetivo porque é fundado na experiência integral da pessoa humana (cf. WOJTYŁA, 2005, 831-857);
- e) Indica como fundamento da norma moral não o eudemonismo, mas a verdade do bem da qual a pessoa humana é capaz de conhecer, de escolher e de realizar, entendendo a felicidade como a plena atualização do ser racional em todas as suas dimensões.

Um segundo aspecto é o modo como Karol Wojtyła conseguiu superar a rigidez e exterioridade do esquema escolástico na compreensão do dinamismo humano (cf. BURGOS, 2009, p. 258-261). Ele vê no agir humano não apenas a teleologia, mas, sobretudo, a autoteleologia. Isto quer dizer que a ação humana não apenas está direcionada a um fim ou a um bem que ultrapassa o sujeito, mas unido a ele está um fim pessoal. O bem ao qual se tende é, antes de tudo, um bem para o sujeito humano. O *telos* humano é antes de tudo um *telos* pessoal, toca diretamente o sujeito. A decisão por algo está vinculada à decisão pelo “eu”. Isto torna evidente como Wojtyła revalorizou o imperativo categórico kantiano e não se desfez da teleologia.

⁷ Isto fica bem evidente em *Amore e Responsabilità*, o primeiro trabalho filosófico melhor elaborado de Karol Wojtyła. Para Jósef Tischner, o livro *Persona e Atto* “è una testimonianza data alla persona intesa come bene” (TISCHNER, 1983, 102).

⁸ Sobre a integração veja: WOJTYŁA, 2007, 1071-1163.

Enfim, a pessoa humana ao tomar posse de um objeto sob a perspectiva do valor, valoriza a si mesma porque, fundamentalmente, escolheu a si. Ou seja, ao escolher o bem a pessoa humana também se torna boa. É o eco subjetivo da ação humana que faltava na escolástica.

Por outro lado, se os filósofos da idade medieval não consideraram satisfatoriamente a subjetividade e por isso a modernidade absolutizou a consciência, fechou-se na subjetividade e encerrou a pessoa humana na imanência, Karol Wojtyła soube devolver à consciência o seu justo lugar na organicidade da pessoa humana. Ela não é a causa, mas uma das condições para a pessoa se constituir enquanto tal. Ela não é nem um objeto, nem um sujeito autônomo, mas está radicada no *suppositum humanum*. Neste sentido se compreende a sua crítica a Descartes e a Husserl. A consciência é o meio pelo qual a pessoa se experimenta como sujeito e constrói sua subjetividade metafísica (cf. WOJTYŁA, 2007, 1340-1343).

Em relação a Max Scheler, mesmo Wojtyła aprendendo com ele a usar o método fenomenológico para analisar a pessoa humana, o polonês redireciona o ensinamento sobre a intencionalidade do ato. Como apenas foi mencionado, a pessoa humana quando age tende não apenas a um objeto, mas a si também. Na análise da ação humana ele também corrige Scheler recuperando o máximo possível os seus elementos: sentimentos, consciência, valor, dever, sujeito, vontade e razão, em síntese, a pessoa inteira.

Destacamos a recuperação, feita por Wojtyła, da ligação entre liberdade e verdade. Desta maneira, ele favoreceu a liberdade da liberdade na submissão à verdade. Este elo desfeito maiormente na idade contemporânea abriu estradas para a libertinagem ou “ditadura da vontade”, ou melhor, para uma vida guiada por uma vontade sem limites e senso de responsabilidade e sem a noção das

consequências dos atos morais. É a era dionisiaca marcada pelo individualismo, subjetivismo, relativismo e dissociação entre moral pública e privada. Tal concepção torna lentamente impossível o ser-em-comum. Wojtyła, com sua proposição, favorece a justa compreensão da liberdade individual com a qual se supera a contradição das liberdades. Em virtude de a pessoa ser relacional, de um modo ou de outro, as vidas humanas se cruzam formando uma grande rede de “nós”. Por conseguinte, a liberdade do outro é auxílio na construção da liberdade pessoal e vice-versa somente e somente se ambos acolherem a mútua verdade do seu ser pessoa que são, em síntese, abertura e dom ao outro.

REFERÊNCIAS:

BURGOS, Juan Manuel. “Tres propuestas para un concepto personalista de naturaleza humana”, *Veritas. Revista de Filosofía y Teología*, IV, 21 (2009), p. 245-265.

_____. *Para comprender a Karol Wojtyła: una introducción a su filosofía*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

_____. *La experiencia integral: un método para el personalismo*, Madrid, Ediciones Palabra, 2015.

O Personalismo de Karol Wojtyła
Francisco Agamenilton Damasceno

BUTTIGLIONE, Rocco. *Il pensiero dell'uomo che divenne Giovanni Paolo II*. Milano, Mondadori, 1998.

HUSSERL, Edmund. *Ricerche logiche*. Milano, Il Saggiatore, 1968.

KANT, Immanuel. *Fondazione della metafisica dei costumi*. Milano, Rusconi, 1994.

MALO, Antonio. "L'antropologia di K. Wojtyła come sintesi del pensiero classico e della modernità", *Acta Philosophica*, I, 15 (2006), p. 11-28.

SEIFERT, Joseph. "Karol Cardinal Wojtyła (Pope John Paul II) as Philosopher and the Cracow/Lublin School of Philosophy", *Aletheia. An International Journal of Philosophy*, 2 (1981), p. 130-199.

TISCHNER, Joséf. "L'aspetto metodologico dell'opera "Persona e Atto". In: BUTTIGLIONE, Rocco (Org.). *La Filosofia di Karol Wojtyła: atti del Seminario di studi Univeristà di Bari (25-26 gennaio 1983)*, Bologna, CSEO, 1983, p. 101-106.

TOMMASO D'AQUINO. *La Somma Teologica*. Bologna, Edizioni Studio Domenicano, 1984.

WIERZBICKI, Alfred. "Introduzione. La persona e la morale". In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (Org.). *Metafisica della Persona: tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*. 3. ed. Milano, Bompiani, 2005, p. 1221-1227.

WOJTYŁA, Karol. "The transcendence of the person in action and man's self-teleology", *Analecta Husserliana*, IX (1979), p.203-212.

_____. "The degrees of being from the point of view of the phenomenology of action", *Analecta Husserliana*, XI (1981), p. 125-130.

_____. "Amore e Responsabilità". In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (Org.). *Metafisica della Persona: tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*. 3. ed. Milano, Bompiani, 2005, p. 463-778.

_____. "Persona e Atto". In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (Org.). *Metafisica della Persona: tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*. 3. ed. Milano, Bompiani, 2005, p. 831-1216.

O Personalismo de Karol Wojtyła
Francisco Agamenilton Damasceno

_____. “La persona: soggetto e comunità”. In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (Org.). *Metafisica della Persona: tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*. 3. ed. Milano, Bompiani, 2005, p. 1329-1386.

_____. *Alle fonti del rinnovamento. Studio sull’attuazione del Concilio Vaticano Secondo*. Soveria Mannelli (Cosenza), Rubbettino, 2007.

_____. “Fratello del nostro Dio”. In: _____. *Tutte le opere letterarie*. 3. ed. Milano, Bompiani, 2011, p. 588-749.

WOLICKA, Elzbieta. “Partecipare alla comunità antropologica sociale di Wojtyła”, *Communio*, 66/novembre-dicembre (1982), p. 48-58.